

Auto da Feira de Gil Vicente

FIGURAS: Mercúrio, Tempo, Serafim, Diabo, Roma, Amâncio Vaz, Diniz Lourenço, Branca Anes, Marta Dias, Tesaura, Juliana, Doroteia, Mónica, Gilberto, Nabor, Mateus, Justina, Vicente, Leonarda, Merenciana, Teodora e Giralda.

A obra seguinte é chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excelente Príncipe El Rei Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, às matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

Entra primeiramente Mercúrio, e posto em seu assento, diz:

MERCÚRIO – Pera que me conheçais,
e entendais meus partidos,
todos quantos aqui estais
afinai bem os sentidos,
mais que nunca, muito mais.
Eu sou estrela do céu,
e depois vos direi qual,
e quem me cá descendeu
e a quê, e todo o al
que me a mi aconteceu.

E porque a astronomia
anda agora mui maneira,
mal sabida e lisonjeira,
eu, à honra deste dia,
vos direi a verdadeira.
Muitos presumem saber
as operações dos céus,
e que morte hão-de morrer,
e o que há-de acontecer
aos anjos e a Deus,

e ao mundo e ao diabo.
E que o sabem têm por fé;
e eles todos em cabo
terão um cão polo rabo,
e não sabem cujo é.
E cada um sabe o que monta

nas estrelas que olhou;
e ao moço que mandou,
não lhe sabe tomar conta
d' um vintém que lh' entregou.

Porém, quero-vos pregar,
sem mentiras nem cautelas,
o que per curso d' estrelas
se poderá adivinhar,
pois no céu nasci com elas.
E se Francisco de Melo,
que sabe ciência avondo,
diz que o céu é redondo,
e o sol sobre amarelo;
diz verdade, não lh' o esconde.

Que se o céu fora quadrado,
não fora redondo, senhor.
E se o sol fora azulado,
d' azul fora a sua cor
e não fora assi dourado.
E porque está governado
per seus cursos naturais,
neste mundo onde morais
nenhum homem aleijado,
se for manco e corcovado,
não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes
vos trazem tão compassados,
que todos quantos nascestes,
se nascestes e crescestes,
primeiro fostes gerados.
E que fazem os poderes
dos sinos resplandecentes?
Que fazem que todalas gentes
ou são homens ou mulheres,
ou crianças inocentes.

E porque Saturno a nenhum
influi vida continua,
a morte de cada um
é aquela de que se fina,
e não d' outro mal nenhum.
Outrossim o terremoto,
que às vezes causa perigo,

faz fazer ao morto voto
de não bulir mais consigo,
cantá de seu próprio moto.

E a claridade encendida
dos raios piramidais
causa sempre nesta vida
que quando a vista é perdida,
os olhos são por demais.

E que mais quereis saber
desses temporais e disso,
senão que, se quer chover,
está o céu pera isso,
e a terra pera a receber?
a lüa tem este jeito:
vê que clérigos e frades
já não têm ao Céu respeito,
mingua-lhes as santidades,
e cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae, secundum
Joanes Monteregio:*

Mars, planeta dos soldados,
faz nas guerras conteúdas,
em que os reis são ocupados,
que morrem de homens barbados
mais que mulheres barbudas.
E quando Vénus declina,
e retrogada em seu cargo,
não se paga o desembargo
no dia que s' ele assina
mas antes por tempo largo.

*Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer Capricornius positus in firmamento
coeli:*

E quanto ao Touro e Carneiro,
são tão maus d' haver agora
que quando os põe no madeiro,
chama o povo ao carniceiro
Senhor, c' os barretes fora.
Depois do povo agravado,
que já mais fazer não pode,
invoca o signo do Bode,

Capricórnio chamado,
 porque Libra não lhe acode.

E se este não hás tomado,
 nem Touro, Carneiro assi,
 vai-te ao sino do Pescado,
 chamado *Piscis* em latim,
 e serás remedeado:
 e se *Piscis* não tem ensejo,
 porque pode não no haver,
 vai-te ao signo do Cranguejo,
Signum Cancer, Ribatejo,
 que está ali a quem no quer.

Sequuntur mirabilia Jupiter Rex regum, Dominus dominantium.

Júpiter, rei das estrelas,
 deus das pedras preciosas,
 mui mais precioso qu' elas
 pintor de todas as rosas,
 rosa mais fermosa delas;
 é tão alto seu reinado ,
 influência e senhoria,
 que faz percurso ordenado
 que tanto vale um cruzado
 de noite como de dia.

E faz que ùa nau veleira
 mui forte, muito segura,
 que inda que o mar não queira,
 e seja de cedro a madeira,
 não preste sem pregadura.

Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.

Ao Zodíaco acharão
 doze moradas palhaças,
 onde os sinos estão
 no Inverno e no Verão,
 dando a Deus infindas graças.
 Escutai bem, não durmais,
 sabereis por conjeituras
 que os corpos celestiais
 não são menos nem são mais
 que suas mesmas granduras.

E os que se desvelaram,
se das estrelas souberam,
foi que a estrela que olharam,
está onde a puseram,
e faz o que lhe mandaram.
E cuidam que Ursa Maior,
Ursa Menor e o Dragão,
e *Lepus*, que têm paixão,
porque um corregedor
manda enforcar um ladrão.

Não, porque as constelações
não alcançam mais poderes,
que fazer que os ladrões
sejam filhos de mulheres,
e os mesmos pais varões.
E aqui quero acabar.
E pois vos disse atéqui
o que se pode alcançar,
quero-vos dizer de mi,
e o que venho buscar.

Eu são Mercúrio, senhor
de muitas sabedorias,
e das moedas reitor,
e deus das mercadorias:
nestas tenho meu vigor.
Todos tratos e contratos,
valias, preços, avenças,
carestias e baratos,
ministro suas pertenças,
até às compras dos sapatos.

E porquanto nunca vi
na corte de Portugal
feira em dia de Natal,
ordeno ùa feira aqui
pera todos em geral.
Faço mercador-mor
ao Tempo, que aqui vem;
e assi o hei por bem.
E não falte comprador.
Porque o tempo tudo tem.

Entra o Tempo, e arma ùa tenda com muitas cousas e diz:

TEMPO – Em nome daquele que rege nas praças
 d'Anvers e Medina as feiras que têm,
 começa-se a feira chamada das Graças,
 à honra da Virgem parida em Belém.
 Quem quiser feirar,
 venha trocar, qu'eu não hei-de vender;
 todas virtudes qu'houverem mister
 nesta minha tenda as podem achar,
 a troco de cousas que hão-de trazer.

Todos remédios, especialmente
 contra fortunas ou adversidades
 aqui se vendem na tenda presente;
 conselhos maduros de sãs qualidades
 aqui se acharão.
 A mercadorias d' amor a razão
 justiça e verdade, a paz desejada,
 porque a Cristandade é toda gastada
 só em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deus,
 que é já perdido em todos Estados;
 aqui achareis as chaves dos Céus,
 muito bem guarnecidas em cordões dourados.
 E mais achareis
 soma de contas, todas de contar
 quão poucos e poucos haveis de lograr
 as feiras mundanas; e mais contareis
 as contas sem conto qu' estão por contar.
 E porque as virtudes, Senhor Deus, que digo,
 se foram perdendo de dias em dias,
 com a vontade que deste ó Messias
 memoria o teu Anjo que ande comigo,
 Senhor, porque temo
 ser esta feira de maus compradores,
 porque agora os mais sabedores
 fazem as compras na feira do Demo,
 e os mesmos Diabos são seus corretores.

Entra um Serafim enviado por Deus a petição do Tempo, e diz:

SERAFIM – À feira, a feira igrejas, mosteiros,
 pastores das almas, Papas adormidos;
 comprai aqui panos, mudai os vestidos,
 buscai as samarras dos outros primeiros,

os antecessores.
 Feirai o carão que trazeis dourado;
 ó presidentes do crucificado,
 lembrai-vos da vida dos santos pastores
 do tempo passado.

Ó Príncipes altos, império facundo,
 guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;
 comprai grande soma do temor de Deus
 na feira da Virgem, Senhora do Mundo,
 exemplo da paz,
 pastora dos anjos, luz das estrelas.
 À feira da Virgem, donas e donzelas,
 porque este mercador sabe que aqui traz
 as cousas mais belas.

Entra um Diabo com ua tendinha adiante de si, como bofalinheiro, e diz:

DIABO – Eu bem me posso gavar,
 e cada vez que quiser,
 que na feira onde eu entrar
 sempre tenho que vender,
 e acho quem me comprar.
 E mais, vendo muito bem,
 porque sei bem o que entendo;
 e de tudo quanto vendo
 não pago siza a ninguém
 por pratos que ande fazendo.

Quero-me fazer à vela
 nesta santa feira nova.
 Verei os que vêm a ela,
 e mais verei quem m' estorva
 de ser eu o maior dela.
 TEMPO – És tu também mercador,
 que a tal feira t' ofereces?
 DIABO – Eu não sei se me conheces.
 TEMPO – Falando com salvaror,
 tu Diabo me pareces.

DIABO – Falando com salvos rabos
 inda que me tens por vil,
 acharás homens cem mil
 honrados, que são Diabos,
 (que eu não tenho nem ceutil)
 e bem honrados te digo,

e homens de muita renda,
 que têm dívida comigo.
 Pois não me tolhas a venda,
 que não hei nada contigo.

Tempo ao Serafim

TEMPO – Senhor, em toda maneira
 acudi a este ladrão,
 que há-de danar a feira.

DIABO – Ladrão? Pois haj' eu perdão
 se vos meter em canseira.
 Olhai cá, Anjo de bem,
 eu, como cousa perdida,
 nunca me tolhe ninguém
 que não ganhe minha vida,
 como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,
 e às vezes grãos torrados,
 isto não releva nada;
 e em todos os mercados
 entra a minha quintalada.
 SERAFIM – Muito bem sabemos nós
 que vendes tu cousas vis.
 DIABO – I há de homens ruins
 mais mil vezes que não bôs,
 como vós mui bem sentis.

E estes hão-de comprar
 disto que trago a vender,
 que são artes de enganar,
 e cousas pera esquecer
 o que deviam lembrar.
 Que o sages mercador
 há-de levar ao mercado
 o que lhe compram melhor;
 porque a ruim comprador
 levar-lhe ruim borcado.

E mais as boas pessoas
 são todas pobres a eito;
 e eu por este respeito
 nunca trato em cousas boas,
 porque não trazem proveito.

Toda a glória de viver
das gentes é ter dinheiro,
e quem muito quiser ter
cumpre-lhe de ser primeiro
o mais ruim que puder.

E pois são desta maneira
os contratos dos mortais,
não me lanceis vós da feira
onde eu hei-de vender mais
que todos à derradeira.
SERAFIM – Venderás muito perigo,
que tens nas trevas escuras.
DIABO – Eu vendo perfumaduras,
que, pondo-as no embigo,
se salvam as criaturas.

Às vezes vendo virotes,
e trago d' Andaluzia
naipes com que os sacerdotes
arreneguem cada dia,
e joguem até os pelotes.
SERAFIM – Não venderás tu aqui isso,
que esta feira é dos céus:
vai lá vender ao abisso,
logo, da parte de Deus!
DIABO – Senhor, apelo eu disso.

S'eu fosse tão mau rapaz
que fizesse força a alguém,
era isso muito bem;
mas cada um veja o que faz,
porque eu não forço ninguém.
Se me vem comprar qualquer
clérigo, ou leigo, ou frade
falsas manhas de viver,
muito por sua vontade;
senhor, que lh' hei-de fazer?

E se o que quer bispar
há mister hipocrisia
e com ela quer caçar,
tendo eu tanta em perfia,
porque lh' a hei-de negar?
E se ùa doce freira
vem à feira

por comprar um inguento,
 com que voe do convento,
 senhor, inda que eu não queira,
 lh' hei-de dar aviamento.

MERCÚRIO – Alto, Tempo, aparelhar,
 porque Roma vem à feira.
 DIABO – Quero-me eu concertar,
 porque lhe sei a maneira
 de seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando.

ROMA – «Sobre mi armavam guerra;
 «ver quero eu quem a mi leva.

«Três amigos que eu havia,
 «sobre mi armam porfia;
 «ver quero eu quem a mi leva».

Fala:

Vejamos se nesta feira,
 que Mercúrio aqui faz,
 acharei a vender paz,
 que me livre da canseira
 em que a fortuna me traz.
 Se os meus me desbaratam,
 o meu socorro onde está
 Se os Cristãos mesmos me matam,
 a vida quem m' a dará,
 que todos me desacatam?

Pois s' eu aqui não achar
 a paz firme e de verdade
 na santa feira a comprar,
 cant' a mi dá-me a vontade
 que mourisco hei-de falar.
 DIABO – Senhora, se vos prouver,
 eu vos darei bom recado.
 ROMA – Não pareces tu azado
 pera trazer a vender
 o que eu trago no cuidado.

Não julgueis vós pola cor,
 porque em al vai o engano;

cá dizem que sob mau pano
está o bom bebedor;
nem vós digais mal do ano.

Eu venho à feira direita
comprar paz, verdade e fé.
DIABO – A verdade pera quê?
Cousa que não aproveita,
e aborrece, pera que é?
Não trazeis bons fundamentos
pera o que haveis mister;
e a segundo são os tempos,
assim hão-de ser os tentos,
pera saberdes viver.

E pois agora à verdade
chamam Maria Peçonha,
e parvoíce à vergonha,
e aviso à ruindade,
peitai a quem vo-la ponha,
a ruindade digo eu:
e aconselho-vos mui bem,
porque quem bondade tem
nunca o mundo será seu,
e mil canseiras lhe vem.

Vender-vos-ei nesta feira
mentiras vinta três mil,
todas de nova maneira,
cada ùa tão subtil,
que não vivais em canseira:
mentiras pera senhores,
mentiras pera senhoras,
mentiras pera os amores,
mentiras, que a todas as horas
vos nasçam delas favores.

E como formos avindos
nos preços disto que digo,
vender-vos-ei como amigo
muitos enganos infindos,
que aqui trago comigo.
ROMA – Tudo isso tu vendias,
e tudo isso feirei
tanto, que inda venderei,
e outras sujas mercancias,

que por meu mal te comprei.

Porque a troco do amor
de Deus, te comprei mentira,
e a troco do temor
que tinha da sua ira,
me deste o seu desamor;
e a troco da fama minha
e santas prosperidades,
me deste mil torpidades;
e quantas virtudes tinha
te troquei polas maldades.

E pois já sei o teu jeito,
quero ir ver que vai cá.
DIABO – As cousas que vendem lá
são de bem pouco proveito
a quem quer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercúrio e diz Roma:

ROMA – Tão honrados mercadores
não podem leixar de ter
cousas de grandes primores;
e quant' eu houver mister
deveis vós de ter, senhores.
SERAFIM – Sinal é de boa feira
virem a ela as donas tais,
e pois vós sois a primeira,
queremos ver que feirais
segundo vossa maneira.

Cá, se vós a paz quereis
senhora, sereis servida,
e logo a levareis
a troco de santa vida;
mas não sei se a trazeis.
Porque, senhora eu me fundo
que quem tem guerra com Deus,
não pode ter paz c ' o mundo;
porque tudo vem dos céus,
daquele poder profundo.

ROMA – A troco das estações
não fareis algum partido,
e a troco dos perdões,

que é tesouro concedido
 pera quaisquer remissões?
 Oh, vendei-me a paz dos céus,
 pois tenho o poder na terra.
 SERAFIM – Senhora, a quem Deus dá guerra,
 grande guerra faz a Deus,
 que é certo que Deus não erra.

Vede vós que lhe fazeis,
 vede como o estimais,
 vede bem se o temeis;
 atentai com quem lidais,
 que temo que caireis.
 ROMA – Assi que a paz não se dá
 a troco de jubileus?
 MERCÚRIO – Ó Roma, sempre vi lá
 que matas pecados cá,
 e leixas viver os teus.

Tu não te corras de mi;
 mas com teu poder facundo
 assolves a todo o mundo,
 e não te lembras de ti,
 nem vêes que te vás ao fundo.
 ROMA – Ó Mercúrio, valei-me ora,
 que vejo maus aparelhos.
 MERCÚRIO – Dá-lhe, Tempo, a essa senhora
 o cofre de meus conselhos:
 e podes-te ir muit' embora.

Um espelho aí acharás,
 que foi da Virgem Sagrada,
 co' ele te toucarás
 porque vives mal tocada,
 e não sentes como estás:
 e acharás a maneira
 como emendes a vida:
 e não digas mal da feira;
 porque tu serás perdida,
 se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,
 que tudo te vem de cima,
 pelo que fazes cá em fundo:
 que, ofendendo a causa prima,
 se resulta o mal segundo.

E também o digo a vós
e a qualquer meu amigo,
quem não quer guerra consigo:
tenha sempre paz com Deus,
e não temerá perigo.

DIABO – Prepósito Frei Sueiro,
diz lá o exemplo velho:
dá-me tu a mi dinheiro,
e dá ao demo o conselho.

Depois de ida Roma, entram dous lavradores, um per nome Amâncio Vaz e outro Diniz Lourenço, e diz Amâncio Vaz:

AMÂNCIO – Compadre, vás tu à feira?

DINIZ – À feira, compadre.

AMÂNCIO – Assi,

ora vamos eu e ti

ó longo desta ribeira.

DINIZ – Bofá, vamos.

AMÂNCIO – Folgo bem

de te vir aqui achar.

DINIZ – Vás tu lá buscar alguém,
ou esperas de comprar?

AMÂNCIO – Isso te quero contar,

e iremos patorneando,

e er também aguardando

polas moças do lugar.

Compadre, enha mulher

é muito destemperada,

e agora, se Deus quiser,

faço conta de a vender,

e dá-la-ei por quase nada.

Qu'eu quando casei com ela

diziam-me, «Hétega é».

E eu cuidei pola abofé

que mais cedo morresse ela,

e ela anda inda em pé.

E porque era hétega assim

foi o que m' a mim danou:

avonda qu'ela engordou

e fez-me hétego a mim.

DINIZ – Tens boa mulher de teu:

não sei que tu hás, amigo.

AMÂNCIO – S'ela casara contigo
renegaras tu com' eu
e dixeras o que eu digo.

DINIZ – Pois, compadre, cant'à minha,
é tão mole e desatada,
que nunca dá peneirada
que não derrame a farinha.

E não põe cousa a guardar,
que a tope quanda a cata;
e por mais que homem se mata,
de birra não quer falar.
Trás d' ùa pulga andarà
três dias, e oito, e dez,
sem lhe lembrar o que fez,
nem tão pouco o que fará.

Pera que t'hei-de falar?
Quando ontem cheguei do mato
pôs ùa enguia a assar,
e crua a leixou levar,
por não dizer sape a um gato.
Quant'a mansa, mansa é ela;
dei-m'ê logo conta disso.
AMÂNCIO – Juro-t'eu que mais vale isso
cinquenta vezes qu'ela.

A minha te digo eu
que se a visses assanhada,
parece demoninhada,
ante São Bertolameu.
DINIZ – Já sequer terá esp'rito:
mas renega da mulher
que ó tempo do mister
não é cabra nem cabrito.

AMÂNCIO – A minha tinh'eu em guarda
pera bem da minha prol,
cuidando que era ourinol,
e tornou-se-me bombarda.
Folga tu que ess'outra tenhas,
porque a minha é tal perigo,
que por nada que lhe digo
logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho seco
 me chimpa nestes focinhos;
 eu chamo polos vizinhos,
 e ela nego dar-me em xeco.
 DINIZ – Isso é de coraçuda;
 não cures de a vender,
 que s'alguém te mal fizer,
 já sequer tens quem te acuda.

Mas a minha é tão cortês,
 que se viesse ora à mão
 que m'espancasse um rascão,
 não diria, «Mal fazês».
 Mas antes s' assentaria
 a olhar como eu bradava.
 Todavia a mulher brava
 é, compadre, a qu'eu queria.

AMÂNCIO – Pardeus! Tanto me farás
 que feire a minha contigo.
 DINIZ – Se queres feirar comigo,
 vejamos que me darás.
 AMÂNCIO – Mas antes m' hás-de tornar
 pois te dou mulher tão forte,
 que te castigue de sorte
 que não ouses de falar,
 nem no mato nem na corte.

Outro bem terás com ela:
 quando vieres da arada,
 comerás sardinha assada,
 porqu ' ela jenta a panela.
 Então geme, pardeus, si,
 diz que lhe dói a moleira.
 DINIZ – Eu faria per maneira
 que esperasse ela por mi.
 AMÂNCIO – Que lh'havias de fazer?

DINIZ – Amâncio Vaz, eu o sei bem.
 AMÂNCIO – Diniz Lourenço, ei-las cá vêm!
 Vamo-nos nós esconder,
 vejamos que vêm catar,
 qu'elas ambas vêm à feira.
 Mete-te nessa silveira,
 qu'eu daqui hei-d' espreitar.

Vêm Branca Anes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:

BRANCA – Pois casei má hora, e nela,
e com tal marido, prima,
comprei cá ùa gamela,
para o ter debaixo dela,
e um grão penedo em cima.
Porque vai-se-me às figueiras,
e come verde e maduro;
e quantas uvas penduro
jeita nas gorgomileiras:
parece negro monturo.

Vai-se-m'às ameixieiras
antes que sejam maduras,
ele quebra as cerejeiras,
ele vindima as parreiras,
e não sei que faz das uvas.
Ele não vai à lavrada,
ele todo o dia come,
ele toda a noite dorme,
ele não faz nunca nada,
e sempre me diz que há fome.

Jesu! Jesu! Posso-te dizer
e jurar e tresjurar,
e provar e reprovar,
e andar e revolver,
qu' é melhor pera beber,
que não pera maridar.
O demo que o fez marido,
que assim seco como é
beberá a torre da Sé!
Então arma um arruído
assi debaixo do pé.

MARTA – Pois bom homem parece ele.

DINIZ – Aquela é a minha frouxa.

MARTA – Deu-t'ele a fraldinha roxa?

BRANCA – Melhor lh'esfole eu a pele.

Que homem há i da puxa.

Ó diabo que o eu dou,

que o leve em fatiota,

e o ladrão que m'o gabou;

e o frade que me casou

inda o veja na picota.

E rogo à Virgem da Estrela,
 e a santa Gerjalém,
 e ós choros de Madanela
 e à asnhinha de Belém,
 que o veja ir à vela
 pera donde nunca vem.

DINIZ – Compadre, no mais sofrer:
 sai de lá desse silvado.

AMÂNCIO – Pera eu ser arrepelado.
 Não havi'eu mais mister.

DINIZ – E não n'hás tu de vender?

AMÂNCIO – Tu dizes que a quéis feirar.

DINIZ – Não qu'ela se me tomar
 leixar-m'á quando quiser.

Mas demo-las à má estreia;
 e voto que nos tornemos,
 e er depois tornaremos
 com as cachopas d'aldeia:
 entonces concertaremos.

AMÂNCIO – Isso me parece a mi
 muito melhor que eu ir lá.

Oh, que couces que me dá,
 quando me colhe sob si!

DINIZ – Cant' àquela si dará.

DIABO – Mulheres, vós que quereis?

Nesta feira que buscais?

MARTA – Queremo-la ver, no mais.

Pera ver em que tratais,
 e as cousas que vendeis.

Tendes vós aqui anéis?

DIABO – Quejandos? De que feição?

MARTA – D'uns que fazem de latão.

DIABO – Pera as mãos, ou pera os pés?

MARTA – Não – Jesu, nome de Jesu,
 Deus e homem verdadeiro!

Foge o Diabo e Marta Dias diz:

MARTA – Nunca eu vi bofalinheiro
 tão prestes tomar o mu.

Branc'Anes mana, crê tu
 que, como Jesu é Jesu,

era este o Diabo inteiro.

BRANCA – Não é ele pau de boa lenha,
nem lenha de bom madeiro.

MARTA – Bofá, nunc'ele cá venha.

BRANCA – Viagem de Jão Moleiro,
que foi pola cal d'azinha.

MARTA – Pasmada estou eu de Deus
fazer o Demo marchante!

Mana, daqui por diante
não caminhemos nós sós.

BRANCA – S'eu soubera quem ele era,
fizera-lhe bom partido:
que me levara o marido,
e quanto tenho lhe dera,
e o toucado e o vestido.
Inda que mais não levara
desta feira, em extremo.
Me alegrara e descansara,
se o vira levar o Demo,
e que nunca mais tornara.

Porque, inda que era Diabo,
fizera serviço a Deus,
e a mi mercê em cabo;
e viera-me dos céus,
como vem a frol ao nabo.

Vão-se ao Tempo e diz Marta Dias:

MARTA – Dizei, senhores de bem,
nesta tenda, que vendeis?

SERAFIM – Esta tenda tudo tem;
vede vós o que quereis,
que tudo se fará bem.

Consciência quereis comprar,
de que vistais vossa alma?

MARTA – Tendes sombreiros de palma
muito bons pera segar,
e tapados pera a calma?

SERAFIM – Consciência digo eu,
que vos leve ao Paraíso.

BRANCA – Não sabemos nós qu'é isso:
dai-o ó decho por seu,

que já não é tempo disso.

MARTA – Tendes vós aqui burel,
do pardo de lã meirinha?

BRANCA – Eu queria ùa pucarinha
pequenina pera mel.

SERAFIM – Esta feira é chamada
das virtudes em seus tratos.

MARTA – Das virtudes! E há aqui patos?

BRANCA – Quereis feirar a cevada
quatro pares de sapatos?

SERAFIM – Oh, piedoso Deus eterno!

Não comprareis pera os céus
um pouco d'amor de Deus

que vos livre do Inferno?

BRANCA – Isso é falar per pincéus.

SERAFIM – Esta feira não se fez
para as cousas que quereis.

BRANCA – Pois cant' a essas que vendeis,
daqui afirmo outra vez
que nunca as vendereis.

Porque neste sigro em fundo
todos somos negligentes:
foi ar que deu polas gentes,
foi ar que deu polo mundo,
de que as almas são doentes.

E se hão-de correger
quando for todo danado:
muito cedo se há-de ver;
que já ele não pode ser
mais torto nem aleijado.
Vamo-nos, Marta, à carreira,
que as moças do lugar
virão cá fazer a feira,
que estes não sabem ganhar,
nem têm cousa que homem queira.

MARTA – Eu não vejo aqui cantar,
nem gaita, nem tamboril,
e outros folgares mil,
que nas feiras soem d'estar:
e mais feira de Natal,
e mais de Nossa Senhora,
e estar todo Portugal.

BRANCA ALVES S'eu soubera que era tal,
 não estivera eu cá agora.

Vêm à feira nove moças dos montes, e três mancebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, cantando. E, como chegam, se assentam por ordem a vender; e diz-lhe o Serafim:

SERAFIM – Pois vindes vender à feira,
 sabeis que é feira dos céus;
 por tal, vendei de maneira
 que não ofendais a Deus,
 roubando a gente estrangeira.

TESAURA – Responde-lhe, Leonarda,
 tu Justina, ou Juliana.

JULIANA – Mas responda-lhe Giralda,
 Tesaura, ou Merenciana.

MERENCIANA – Responde-lhe, Teodora,
 porque creio que a ti creia.

TESAURA – Responda-lhe Doroteia.
 pois que mora,
 junto c'o Juiz d'aldeia.

DOROTEIA – Mónica responderá
 que falou já com senhor.

MÓNICA – Responde-lhe tu, Nabor,
 contigo s'entenderá.

Ou Denísio, ou Gilberto,
 qualquer de vós outros três
 e não vos embarceis ou torveis,
 porque é certo
 que bem vos entenderéis.

GILBERTO – Estas cachopas não vêm
 à feira nego a folgar,
 e trazem de merendar
 nestes cestos que i têm.

Mas pois quanto ao que entendo,
 sois, samica, anjo de Deus;
 quando partistes dos céus,
 que ficava Ele fazendo?

SERAFIM – Ficava vendo o seu gado.

GILBERTO – Santa Maria! Gado há lá?
 Oh, Jesu! como o terá
 o Senhor gordo e guardado!

E há lá boas ladeiras,
como na serra d'Estrela?

SERAFIM – Si.

GILBERTO – E a Virgem que faz ela?

SERAFIM – A Virgem olha as cordeiras,
e as cordeiras a ela.

GILBERTO – E os Santos de saúde
todos, a Deus louvores?

SERAFIM – Si.

GILBERTO – E que léguas haverá
daqui à porta do Paraíso,
onde São Pedro está?

NABOR – Lá vêm ó redor das vinhas
compradores a comprar
samica ovos e galinhas.

DOROTEIA – Não lhe hei-de vender as minhas,
que as trago pera dar.

Vêm dous compradores, um per nome Vicente e outro Mateus, e diz Mateus a Justina:

MATEUS – Vós rosa do amarelo,
mana, tendes i queijadas.

JUSTINA – Tenho vosso avô marmelo!
Conhecei-lo?

MATEUS – Aqui estão emborilhadas.

JUSTINA – Estade má ora quedo,
pela vossa negra vida.

MATEUS – Menina, não hajais medo:
vós sois mais engrandecida
que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos,
não m'os vendais a ninguém.

JUSTINA – Andar em burra e ter bem:
ouvide ora o rasca-piolhos
(azeite no micho!) em que vem!

VICENTE – Minha vida, Leonarda,
traz caça pera vender?

LEONARDA – Vossa vida negra e parda
não lhe abastará comer
da vaca com da mostarda?

VICENTE – E a mesa de meu senhor
irá sem ave de pena?

LEONARDA – Quem? E vós sois comprador?

Pois nem grande nem pequena
não matou o caçador.

VICENTE – Matais-me vós logo bem
com dous olhinhos qu'eu digo.

LEONARDA – Mais vos mata a vós o trigo,
porque não vale a vintém,
e traz mau micho consigo.

VICENTE – Vós fazeis de mi rascão.

LEONARDA – Pação vos fizestes vós;
porém bem nos vimos nós
guardar bois no Alqueidão.

MATEUS – Que vindes vender à feira,
Teodora, alma minha?
minha alma, minha canseira?

Trazei algũa galinha?

TEODORA – São vossa alma galinheira.

Que má ora cá viestes
pera quem vos pôs no paço!

MATEUS – Senhora, eu vos faço,
que vos agastais tão prestes?

Dizei-me vós, Teodora,
trazeis vós tal cousa e tal
deste jeito, muito embora?

Mas lá dessoutro metal
não falam à lavradora.

VICENTE – Senhora Mónica, trazeis
algum cabrito recente?

MÓNICA – Não bofé, Senhor Vicente:
quisera ora trazer três,
de que vós foreis contente.

VICENTE – Juro à Santa Cruz de palha
qu' hei-de ver o que aqui está.

MÓNICA – Não revolvais aramá,
que não trago nemigalha.

VICENTE – Não me façais descortês,
nem queirais ser tão garrida.

MÓNICA – Pola vossa negra vida!
Olhade como é cortês!

Oh, que lhe saia má saída.

MATEUS – Giralda, eu achar-vos-ei
dous pares de passarinhos?

GIRALDA – Irei por eles aos ninhos,
entonces os venderei.

Comereis vós estorninhos?

MATEUS – Respondeis como mulher
muito de sua vontade.

GIRALDA – Pois digo-vo-la verdade:
pássaros hei-de vender?

Olhai aquela piedade!

VICENTE – Senhora minha Juliana

peço-vos que me faleis

discreta palenciana,

e dizei-me que vendeis.

JULIANA – Vendo favas de Viana.

VICENTE – Tendes alguns laparinhos?

JULIANA – Sim, de porca.

VICENTE – Nem coelhos?

JULIANA – Quereis comprar dous francelhos,
pera caçardes ratinhos?

JULIANA – Quero, polos Evangelhos!

MATEUS – Vós, Tesaura, minha estrela,
não viríeis cá em vão.

TESAURA – Pois si, vossa estrela vos er'ela:
como aquilo é de rascão!

MATEUS – Mas como isso é de donzela!

Porém vá já como vai,

e casemo-nos, senhora.

TESAURA – Pois casai co'ele, casai,

Casar, ma ora, meu ai,

casar, má hora.

MATEUS – Porém trazeis algum pato?

TESAURA – E quanto dareis por ele?

Hui, e ele revolve o fato:

olho mau se meta nele.

MATEUS – Não trazeis vós o qu'eu cato.

VICENTE – Merenciana deve ter
neste cesto algum cabrito.

MERENCIANA – Não m'haveis de revolver,
senão, pardeus, que dê grito
tamanho, que haveis de ver.

VICENTE – Eu hei-de ver que trazeis.

MERENCIANA – se vós no cesto bulis...

VICENTE – Senhora, que me fareis?

MERENCIANA – Um aqui-d'el-rei, ouvis?
Não sejais vós descortês.

VICENTE – Não quero senão amores,
pois vosso, senhora, sou.

MERENCIANA – Amores de vosso avô,
o da ilha dos Açores.
Andar aramá vós só.

MATEUS – Vamo-nos daqui, Vicente.

VICENTE – Bofá vamos.

MATEUS – Nunca vi tal feira.

VICENTE – Vamos comprar à Ribeira,
que anda lá cousa mais quente.

Vão-se os compradores, e diz o Serafim às moças:

SERAFIM – Vós outras quereis comprar
das virtudes?

Senhor, não.

SERAFIM – Saibamos por que rezão.

DOROTEIA – Porque no nosso lugar
não dão por virtudes pão.

Nem casar não vejo eu
por virtudes a ninguém.

Quem tiver muito de seu,
e tão bons olhos com'eu
sem isso casará bem.

SERAFIM – Pois porque viestes ora
cansar à feira de pé?

TEODORA – Porque nos dizem que é
feira de Nossa Senhora:
e vedes aqui porquê.

E as graças que dizeis
que tendes aqui na praça,
se vós outros as vendeis,
a Virgem as dá de graça
aos bons, como sabeis.

E porque a graça e alegria,
a madre da consolação
deu ao mundo neste dia,
nós vimos com devação
a cantar-lhe ùa folia.

E pois que já descansámos

assi em boa maneira,
moças, assi como estamos,
demos fim a esta feira,
primeiro que nos partamos.

Alevantam-se todas, e ordenadas em folia cantaram a cantiga seguinte, com que se despediram.

Cantiga.

1º CORO – «Blanca estais colorada,
«Virgem sagrada.
«Em Belém vila do amor
«da rosa nasceu a flor:
«Virgem sagrada.»

2º CORO – «Em Belém vila do amor
«nasceu a rosa do rosal:
«Virgem sagrada.»

1º CORO – «Da rosa nasceu a flor:
«pera nosso Salvador:
«Virgem sagrada.»

2º CORO «Nasceu a rosa do rosal,
«Deus e homem natural:
«Virgem sagrada.»

GRATIAS AGAMUS DOMINO DEO NOSTRO

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>
